

Dar ao mundo a sua modernidade

O sonho de um 2 de outubro em que Deus continua a convidar-nos a olhar para o futuro.

26/09/2020

A observação das estrelas é uma das atrações que mais cresceu nos últimos anos. Muitas expedições são organizadas para chegar a ver um céu o mais límpido possível – também limpo da luz artificial – para observar mais claramente as estrelas. Certamente, na área de Hebron, ao sul da Palestina, na época

em que Abraão viveu (Gn 13, 18), esse espetáculo noturno seria impressionante, com grande probabilidade muito mais do que nos nossos dias. Precisamente naquela região do Médio Oriente já tinha escurecido quando – segundo nos conta a Sagrada Escritura – Deus tirou Abraão do lugar onde descansava durante a noite para dizer-lhe: «Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz!» (Gn 15, 5).

Lado a lado com Deus

Não é difícil perceber como essa tarefa é complexa. Por mais intensa que seja a concentração empregada, perdemos a conta rapidamente: muitas estrelas escapam à nossa vista, e outras podem já nem existir, embora a sua luz ainda atinja os nossos olhos. Parece que o desafio que Deus fez a Abraão não era viável. Então, porque foi incomodá-lo tarde da noite com esse convite? A

resposta pode ser encontrada no mesmo versículo: “Assim será tua descendência”. Certamente, o Senhor poderia ter transmitido essa mensagem de uma maneira muito mais simples. De facto, já o fizera em duas ocasiões anteriores (cf. Gn 12, 2-3; 13, 15-16). Não era a primeira vez que manifestava a sua promessa. No entanto, nesta terceira ocasião, Deus quer tirar Abraão do lugar onde ele se resguardava durante a noite, colocá-lo sob a abóbada do céu e convidá-lo a sonhar com algo incalculável. “Conta, se puderes, as estrelas”. Imagina, se puderes, o que Eu preparei para ti.

De facto, olhar a nossa vida “lado a lado” com o Senhor é a melhor maneira de alargar ao máximo os nossos horizontes, de viver para lá dos nossos limites, precisamente porque nessa aventura não somos os únicos protagonistas. Pensar em como será o nosso futuro com Deus –

há tantos novos desafios que podem surgir quando aderimos ao seu projeto – é o planeamento mais ambicioso a que podemos aspirar. Ele não tirará «nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta»^[1]. Aceitar o convite de Deus para imaginar juntos o futuro pode ser uma ótima maneira de percorrer os caminhos da oração.

Sonhar também é oração

Foi isso que fizeram todos os santos: juntar as suas capacidades – mais ou menos numerosas – ao plano amoroso de Deus. Josemaria Escrivá, por exemplo, tendo poucos conhecidos numa cidade nova para

ele como Madrid, sonhou com lembrar a todos os batizados do mundo que eles eram chamados a ser santos. O mesmo aconteceu com o bem-aventurado Álvaro del Portillo, seu fiel sucessor, ou com a bem-aventurada Guadalupe Ortiz de Landáuri que, por sua vez, assumiu como próprio esse sonho do fundador do Opus Dei, encarnando em sua vida a beleza da santidade na vida quotidiana.

Nalgumas ocasiões, os exemplos dos santos podem parecer um pouco difíceis de imitar. Podemos pensar que os nossos sonhos não são tão ambiciosos e às vezes nem sequer tão apostólicos. Mas a realidade é que, como lembrava o Prelado do Opus Dei, em agosto [de 2019], a um grupo de jovens em Torreciudad, «Não existe nenhuma pessoa, nenhum de vocês, nem eu, nem ninguém, que seja indiferente para Deus»^[2].
Ninguém foi excluído dos Seus

planos, que são sempre grandes, embora às vezes possamos pensar erradamente que as nossas tarefas são demasiado comuns para serem consideradas. Todos somos convidados a sonhar a nossa vida “lado a lado” com Deus.

São Josemaria estava reunido com um grupo de filhos seus de muitos países em Roma, na altura do Natal em 1967. Na véspera de um novo ano, convidou os que o rodeavam – nesse momento, eram estudantes – a imaginar tantos modos possíveis de difundir a mensagem de Cristo: colégios com alto nível académico, lugares onde se daria formação cristã a jovens, escolas de formação profissional para profissões técnicas. Nós, chegados a este ponto, também podemos imaginar todo o bem que Deus quer fazer hoje por meio da nossa vida: ser um foco de unidade e alegria dentro da nossa família, levar a verdadeira liberdade de Cristo à

nossa profissão ou ao nosso ambiente, ter aquela boa conversa com um amigo para que se saiba acompanhado, conhecer cada vez mais pessoas que possam se interessar pela mensagem do Evangelho... Naquela sala de estar romana, diante de uma porção de olhos que vislumbravam tudo isso como uma fantasia – e que em pouco tempo o viram feito realidade – São Josemaria terminou dizendo: «Sonhai, pois também é oração, é trabalhar por Deus»^[3].

Deus fundou a Sua Obra

Sem dúvida, a primeira tarefa será descobrir o que Deus sonha para nós e para o nosso mundo. De que se trata exatamente? Em que atividades concretas podemos colaborar com Ele? O livro do Génesis pode ajudar-nos mais uma vez. Durante a primavera de 1981, o cardeal Ratzinger, comentando na catedral

de Munique os passos desse texto que se referem à Criação, apontava: «Deus criou o Universo para iniciar com os homens uma história de amor. Criou-o para que haja amor»^[4]. Sabemos bem que a nossa vida não é resultado do acaso e não estamos ausentes do coração de Quem nos preparou um espaço concreto na existência. Deus quer contar connosco para o cuidado de todas as coisas boas que viu sair da Sua mão: «Tomou o homem e colocou-o no jardim de Éden, para o cultivar e guardar» (Gn 2, 15). Deus quis confiar-nos este mundo como quem, por amor a seus novos cuidadores, deixa sua obra-prima como herança. Entregou-nos, além de toda a natureza, o cuidado de cada um dos seus filhos e filhas e a organização da convivência entre nós. E por isso sonha que todos os dias possamos fazer deste mundo um lar mais amável para todos.

Neste empenho, a criatividade de Deus difunde-se sempre através de novos caminhos que são projetos que Ele tem em mente para a sociedade e para a Igreja. Uma destas iniciativas do Senhor começou quando São Josemaria, sendo um sacerdote jovem de 26 anos, organizava as suas anotações durante um retiro espiritual. De repente, sem nunca ter imaginado antes, viu que Deus lhe pedia que começasse uma nova aventura: nesse dia «o Senhor fundou a Sua Obra»^[5]. Anos depois também escreveria: «Deus Nosso Senhor, no dia 2 de outubro de 1928, festa dos santos Anjos da Guarda, suscitou o Opus Dei»^[6]. E 10 anos mais tarde volta a confessar: «Jamais me tinha passado pela cabeça que teria de realizar uma missão entre os homens»^[7]. Neste dia, como no passo que considerámos no princípio, São Josemaria experimentou o seu pessoal “*olha para o céu e conta, se puderes, as estrelas*”.

O Opus Dei, como tantas outras instituições que o Espírito Santo promove no seio da Igreja, é também um sonho de Deus. Um sonho com que quer entusiasmar muitos cristãos para transmitirem a vida de Cristo onde estiverem. A tarefa não era simples, mas São Josemaria sabia que era o próprio Deus quem se empenharia em realizá-la. A sua vida foi um constante testemunho daquelas palavras de São Paulo: «Sei em quem acreditei» (2Tim 1, 12). Quando o seu confessor, nestes primeiros anos, se referiu a este sonho como “Obra de Deus”^[8], o fundador soube que tinha encontrado um nome concreto para a iniciativa. São Josemaria, poucos anos depois de ter começado a trabalhar neste horizonte que o Senhor lhe abriu, como alguém que confessava a sua própria experiência, escreveu: «Essa convicção sobrenatural da divindade do empreendimento acabará por

dar-vos um entusiasmo e um amor tão intensos pela Obra, que vos sentireis ditosíssimos sacrificando-vos para que se realize»^[9].

Novamente: trabalhar lado a lado com Deus nunca nos tira nada de belo e de bom que a vida tem. Pode, sim, conseguir fortalecê-lo.

Dar ao mundo a sua modernidade

No sábado, 15 de abril de 1967, o correspondente de uma conhecida revista estava em Roma para conversar com São Josemaria^[10]. O tema de que deviam falar era precisamente o desenvolvimento da iniciativa desejada por Deus algumas décadas atrás. O encontro ocorreu na segunda metade do século XX, época em que tantas coisas mudaram em relação à primeira metade. A pergunta do jornalista era sobre isto: a relação entre o Opus Dei e o mundo que o rodeia. O entrevistado

responde rapidamente que, para quem procura viver o espírito da Obra «o estar atualizado, compreender o mundo moderno, é uma coisa natural e instintiva, porque são eles – juntamente com os outros cidadãos, e tal como eles – que fazem nascer esse mundo e lhe dão a sua modernidade»^[11].

Esse esforço por ver o futuro como uma herança própria sempre acompanhou a história da salvação. A sabedoria do povo de Israel, reunida nas Sagradas Escrituras, às vezes é apresentada simbolicamente como uma boa mãe de família. E num dos seus provérbios, ela é caracterizada como uma mulher. «Fortaleza e dignidade são os seus adornos; ela sorri para o futuro» (Prov 31, 25). Porque, o que é realmente ser moderno? A modernidade do mundo não é simplesmente detetar os temas de uma tendência, às vezes superficiais

e passageiros, para repeti-los nas nossas vidas. Nem é, provavelmente, imitar as opiniões e formas dos que, aparentemente, conseguem maior número de seguidores. Tudo isso pode ser, sem dúvida, valioso, mas ficará para trás num abrir e fechar de olhos.

O cristão “sorri para o futuro” porque sabe que a modernidade do nosso mundo são todas as coisas novas que Deus deseja trazer de uma maneira particular e especial em cada época. Sorrir para o futuro é tentar descobrir esses desejos de se abrir ao amor de Cristo que se escondem nos interesses e problemas das pessoas que nos rodeiam, muitas vezes sem que tenham as palavras certas para interpretá-los. É saber entrar em sintonia com a sensibilidade do nosso tempo para levar aí o bálsamo da amizade com Jesus. A verdadeira modernidade consiste em «um aprofundamento na

fé cristã que, precisamente por ser profunda e autêntica, pode captar e assumir tudo de positivo que o processo histórico moderno implica»^[12].

No último livro da Sagrada Escritura, o Senhor assegura-nos: «Eis que faço novas todas as coisas» (Ap 21, 5).

Deus promete estar sempre disposto a trazer a verdadeira novidade. Para isso estão chamados todos os que procuram viver o espírito do Opus Dei: percorrer caminhos de oração de tal forma que demos ao mundo a sua modernidade. Desejar mudá-lo – tornando-o um lugar cada vez mais acolhedor – junto a Cristo. E para isso, como Deus fez com Abraão, convida-nos a olhar para cima, e repete: imagina, se puderes, o que tenho preparado para ti.

Quando é difícil sonhar

Nesse sentido, é importante estar atento a algumas atitudes que podem atrasar-nos nessa missão. Embora possa parecer estranho, nem sempre é fácil sonhar. Um primeiro travão que podemos experimentar é o conforto de nos rendermos à rotina. Isso não tem nada a ver com o bom costume de criar certos hábitos ou ritmos que tornem as coisas mais fáceis para nós. A *má rotina*, pelo contrário, é a caricatura da verdadeira experiência. É quando nos convencemos de que já conhecemos muito bem o caminho, as suas paisagens amplas e os seus becos escuros, de forma que, neste ponto da vida, ninguém – nem Deus – poderá nos surpreender. Mas os horizontes de Deus só podem ser abarcados por um olhar aberto às suas surpresas, que podemos encontrar nas Sagradas Escrituras, na oração ou nos milhares de vezes

em que se tornam presentes através de pessoas e acontecimentos que nos rodeiam. É verdade que podemos já ter experimentado nas nossas vidas algumas deceções ou planos que, embora na época tentássemos viver com o Senhor, não foram como pensávamos. Nesses momentos, como Jesus na Cruz, é bom procurar consolo no nosso Pai Deus, convertendo nossas perplexidades em diálogo com Ele (cf. Mt 27, 46). Somente então, com a sua proteção, poderemos olhar para o futuro sem medos ou lamentações.

Outro travão à nossa capacidade de vibrar de acordo com os planos do Senhor é a busca excessiva de garantias. Nenhum santo construiu uma fortaleza impermeável ao seu redor, pelo contrário, todos saíram de uma maneira ou de outra ao encontro das necessidades espirituais e materiais que tinham pela frente, sempre confiando na

ajuda de Deus. Encontramos um exemplo gráfico – que o Papa Francisco às vezes utilizou – no rei David que, devido ao excesso de segurança com que Saul queria protegê-lo para lutar contra o seu inimigo – capacete de bronze, uma armadura pesada, a sua própria espada – não conseguia dar nem um passo. David foi à luta com o que sabia usar bem: a funda, cinco pedras e, especialmente, as suas próprias forças colocadas a serviço dos planos divinos (cf. 1Sam 17, 40-45). Do mesmo modo, diante de um campo de batalha em que devemos entrar para curar as feridas do nosso tempo, não podemos ceder a essa tentação. Não há sonhos sem aventura, vertigem, fadiga e perigos. Precisamente Jesus, numa de suas parábolas, nos exorta a “ir pelos caminhos” (cf. Mt 22, 9) para encontrar a tarefa que nos preparou.

Nas páginas do Evangelho, também encontramos outra personagem que experimentou uma dificuldade quando estava na encruzilhada do sonho de Deus. Foi aquele jovem que correu para Jesus, ajoelhou-se e fez diretamente a pergunta fundamental: como posso ser verdadeiramente feliz? Sabemos que era um rapaz que tentou guardar os mandamentos, sincero e justo com os pais e amável com as outras pessoas. Mas sentia falta de algo. Ele tinha uma profunda inquietação por trabalhar em projetos divinos. O evangelista nos diz que Jesus «fixou nele o olhar, amou-o» (Mc 10, 21). Esse foi o momento preciso do sonho de Deus. Cristo viu todas as coisas boas que viriam das mãos e do coração do jovem – tantas quanto as estrelas no deserto de Hebron – e, por isso, desejou traçar o caminho para sua realização máxima: «Vem e segue-me». Porém, também através do Evangelho, sabemos que «se foi

embora cheio de tristeza, pois possuía muitos bens» (Mc 10, 22). Assim, o Senhor nos quer alertar contra outra das dificuldades que nos impedem de olhar para o futuro com Deus: quando, talvez inadvertidamente, pomos o nosso entusiasmo em algo que não é Ele. Quando confusos, pensamos que Jesus entra nas nossas vidas para nos tirar coisas e não para nos dar, em abundância (cf. Jo 10, 10), a felicidade que o rapaz pedia.

* * *

No dia 11 de agosto de 2018, ao cair da tarde e com o calor do verão a dissipar-se um pouco, o Papa Francisco teve um encontro com jovens vindos de todos os cantos de Itália. O ponto de encontro foi o Circo Máximo, muito próximo ao rio Tibre, entre duas colinas romanas. Precisamente as primeiras palavras do Santo Padre encorajavam a

pensar nos grandes planos da nossa vida com Deus. No caso daqueles que se inspiram nos ensinamentos de São Josemaria, este projeto supõe o convite para dar ao mundo a sua própria modernidade, essa novidade que só pode vir do relacionamento pessoal com Jesus Cristo: «Os sonhos são importantes. Mantêm o nosso olhar alargado, ajudam-nos a abraçar o horizonte, a cultivar a esperança em cada ação diária. (...). Os sonhos acordam-te, levam-te além, são as estrelas mais luminosas, as que indicam um caminho diverso para a humanidade. Eis, queridos jovens, vós tendes no coração estas estrelas brilhantes que são os vossos sonhos: são a vossa responsabilidade e o vosso tesouro. Fazei com que sejam também o vosso futuro!»^[13].

[1] Bento XVI, *Homilia na Santa Missa pelo início do Ministério de Sumo Pontífice*, 24/04/2005.

[2] Fernando Ocáriz, *Encontro com jovens em Torreciudad*, 30/08/2019.

[3] São Josemaria, *Anotações de um encontro familiar*, 24/12/1967, em *Crónica* 1968, p. 38 (AGP, Biblioteca, P01).

[4] Joseph Ratzinger, *Criação e pecado*.

[5] São Josemaria, *Anotações íntimas*, 306. Citado em Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei (na tradução portuguesa: Josemaria Escrivá)*

[6] São Josemaria, *Carta 14-02-1950*, n. 3.

[7] São Josemaria, *Anotações de uma meditação*, 02/02/1962. Citado em Vázquez de Prada, *O fundador do Opus Dei*, tomo I, Quadrante, p. 274.

[8] São Josemaria, *Anotações íntimas*, 1868. Citado em Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei (na tradução portuguesa: Josemaria Escrivá)*

[9] São Josemaria, Instrução, 19/03/1934, n. 49. Citado em Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei (na tradução portuguesa: Josemaria Escrivá)*

[10] São Josemaria, *Conversaciones con Monseñor Escrivá de Balaguer, edición crítico-histórica*, Rialp, Madrid, 2012, p. 35.

[11] *Ibid.*, p. 215.

[12] A. de Fuenmayor, V. Gómez-Iglesias, J. L. Illanes, *El itinerario jurídico del Opus Dei*, EUNSA, Pamplona, 1989, p. 53.

[13] Francisco, *Encontro com jovens italianos*, 11/08/2018.

Andrés Cárdenas

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/2-de-outubro-
um-sonho-de-deus/](https://opusdei.org/pt-pt/article/2-de-outubro-um-sonho-de-deus/) (23/01/2026)